

As novas tecnologias de informação e comunicação: um novo lugar cultural na instituição escola

Robson Medeiros Alves*

Resumo

As novas tecnologias de informação e comunicação se apresentam como uma realidade social de nossos tempos, principalmente para nossas crianças e adolescentes que manifestam sua relação com este novo universo como própria de seu modo de ser. Esses indivíduos levam para a escola o desafio da mesma se imbuir de tais tecnologias a fim de estabelecer uma ação pedagógica que utilize sua linguagem tecnológica como portal de aprendizado. Será nesse foco que as novas tecnologias educacionais serão apresentadas como um desafio de interatividade entre professores, estudantes e instituição.

Palavras-chave:

Abstract

New information and communication technology presents itself as an up-to-date social reality, principally to our children and adolescents that show their relation with this new universe as proper of their way of being. These individuals lead the school to the challenge of working with this technology in order to establish a pedagogical action that uses a technological language as a learning portal. With this focus, new educational technology will be presented as an interactive challenge among teachers, students and institutions.

Keywords:

* Bacharel em Teologia, licenciado em Filosofia e pedagogia, mestre em Ciências da Religião e doutor em Ciências Sociais – Antropologia pela PUCSP. Atualmente faz Pós-Doutoramento em Educação (Currículo) na PUCSP. É reitor do Colégio São João Gualberto e membro dos Comitês de Ética em Pesquisa do Hospital Santa Catarina e PUCSP.

Escola e tecnologias!? Como é que estas se harmonizam em função de manifestarem cultura que incide sobre a vida prática, a ponto de não só serem efetivação mecânica de um processo metódico do ato de ensinar, mas constituírem um novo modo de educar, que se comunique como lugar prazeroso para os estudantes a partir da realidade social de um tempo histórico com diferenciais tecnológicos e comportamentais?

A questão dessa relação entre escola, novas tecnologias e ação pedagógica, desde há muito tempo vem provocando discussões e manifestações a favor ou contra. Em 1998, foi lançado em francês um livro sob o título “*L'école à l'heure d'internet*” que desde então já trazia no seu bojo a questão que mais tarde foi o título da publicação desta obra em língua portuguesa “A escola na era da internet”. O cerne da questão estava na indagação acerca de se a escola deve ou não acompanhar a evolução dos tempos, sobretudo nos âmbitos das novas tecnologias, até então pouco operantes na vida intraescolar. Isso numa época muito inicial desta questão. Num capítulo do livro a interrogação é assim colocada:

A difusão das tecnologias de informação e de comunicação na generalidade das actividades sociais coloca duas séries de questões em relação à educação. Antes de mais, a dos conhecimentos ensinados. A informática deverá ser um objeto de ensino? Os alunos deverão receber uma formação para utilizarem instrumentos de que terão de se servir na sua vida futura de cidadão e no seu trabalho? A resposta, evidentemente positiva tratando-se de formação profissional, foi sempre objeto de controvérsias no ensino geral. (Pouts-Lajus, 1998, p. 79)

Como se vê, a questão está colocada num tempo inicial de discussões. Hoje, ainda persistindo críticas a essa utilização, o fato já se tornou uma realidade pedagógica da vida escolar, pelo simples fato de que o tempo presente, com a expansão da internet já incide sobre a cultura de nossa sociedade, influenciando o jeito de ser das crianças e adolescentes.

A escola como um dos lugares sociais privilegiados para o desenvolvimento da cultura, não pode ficar à margem da vida social e das mudanças na cultura e na ciência. Embora não seja um lugar social que viva à mercê das novidades e das influências que estas projetam sobre a vida prática e comportamental dos seus envolvidos, se pode pensar que é um lugar do imprevisível e do desafio, um lugar onde se ensina e se apreende, dinâmica esta vivenciada por todos. Assim, surgem métodos e técnicas que vão se sucedendo no tempo, enriquecendo as formas do como aprender.

Neste vamos focar uma dessas formas, que inclusive é uma novidade para a vida como um todo, que afeta a estrutura e funcionamento da sociedade, a ponto de alterar a dinâmica da vida, isto é, as novas tecnologias de informação e comunicação. Nosso foco será centralizado na escola como um lugar cultural onde essa novidade emerge como um sinal de transformação de métodos e formas, constituindo isso um fato social determinante para a instituição escola.

Não que se queira entender a escola como um sistema operacional, ela tem uma vida cultural ligada à pessoa humana em todos os seus âmbitos, sentidos e expressões, mas o que se quer é sinalizar para uma realidade hodierna de uma escola que cresce em meio a uma estrutura funcional digitalizada, descrevendo como isso exerce uma pressão por adaptação e coesão entre gerações, que percebemos como os efeitos mais marcantes e desafiantes de um fato social.

A escola, como lugar social exerce sua ação educadora, como ação ideológica, com poder de construir nova cultura educacional, em todos os âmbitos. Neste texto, a análise tem como objetivos além de demonstrar a quantas andam o processo e avanços tecnológicos, auxiliar também na compreensão da dinâmica que está por dentro desta relação dialética da construção de um novo lugar cultural, que nasce da composição entre a escola de ontem e os avanços tecnológicos do hoje, para gerarem a escola do amanhã, como também perceber o lugar do ser humano, analisando o lugar cultural onde estuda. Nossa investigação sociológica procura a ação pedagógica coletiva da escola como um fato social.

É fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais. (Durkheim, 1999, p. 13)

Com isso se pode dizer que esse processo de transformação já é um dado real, marca de uma mudança dos métodos de se educar, agora cada vez mais amarrados a tecnologias como marcas identitárias de uma geração a ser educada, que é adjetivada por muitos que discorrem sobre educação como uma geração digital e de uma identidade a ser absorvida pela instituição como um processo de coerção do modo operacional do estar no tempo. Desta forma, esse novo perfil exercerá coerção sobre uma geração que ainda não tem nessa novidade sua marca prática tal como a necessidade de conjugar uma marca existencial de ter nascido num

tempo digital com o fazer parte de um processo educacional em fase de transformação para tal. Isso reflete a coerção sobre o indivíduo, sobre a instituição e sobre a sociedade, tanto exterior como interior, ou seja, que gera uma nova cultura institucional escolar.

Ao se discorrer sobre a escola, ressaltando-lhe a dimensão de vida social e vitalidade cultural, lança-se base reflexiva sobre um perfil temporal sobre o qual se quer centrar um foco analítico, que neste texto refere-se à cultura digital que cada vez mais faz parte da vida do estudante, e, por conseguinte da escola, lugar onde esse comunica suas realidades existenciais. Com isso pretende-se afirmar a força de uma coerção como uma realidade que a instituição escola não pode negar, uma vez que o tempo histórico já é um processo real de vida e existência, por isso, ainda que alguns indivíduos tentem retardar a incidência das novas tecnologias, isso, quando muito, apenas servirá como desestímulo para o estudante, e mais cedo ou mais tarde provocará um asfixiamento institucional, causado pela incapacidade de comunicação da instituição com a massa de estudantes que a compõem. Seria isso negar a ação cultural do tempo.

Dessa forma, o mundo digital neste texto quer afirmar o crescimento de uma nova cultura educacional. Assim é que se pode constatar o quanto os ambientes escolares vêm cada vez mais se guarnecendo de equipamentos de informática para darem vazão ao que também se pode descrever como uma exigência dos tempos atuais. Por isso, pode-se identificar que o mundo digital está para as crianças e adolescentes que ocupam as escolas hoje, como a missão e a tarefa de educar para o desafio de sempre ir à busca do novo e da superação dos desafios.

Aliás, o desafio da adaptação do ato de educar aos ambientes, culturas e lugares já foi preconizado pelo educador Paulo Freire como saberes necessários a tal ato, isto é, como possibilidade de obtenção de maior sucesso na ação educadora a partir da constância, e isso ganha significado todo particular quando ele demonstra estar no ato de praticar, a fonte de aprendizado. O que, frente à temática aqui abordada, será visto como grande identificação de procedimentos. Afinal no mundo das novas tecnologias, são as ações práticas que permitem acontecer o aprimoramento e o domínio funcional.

O ato de cozinhar, por exemplo, supõe alguns saberes concernentes ao uso do fogão, como acendê-lo, como equilibrar para mais, para menos, a chama, como lidar com certos riscos mesmo remotos de incêndio, como harmonizar os diferentes temperos numa síntese gostosa e atraente. A prática de cozinhar vai preparando o novato, ratificando alguns daqueles saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele vire cozinheiro. (Paulo Freire, 1996, pp. 23-24)

Aliás, a título de encorajamento aos mais apreensivos e pouco crentes de suas capacidades, se pode asseverar que no ato de praticar é que se vai abrindo o domínio tecnológico. No mundo das novas tecnologias da informação e comunicação essa questão do exercício, isto é, do “fuçar” sem medo é o recurso mais aplicável para o aperfeiçoamento do uso, é o que dá alma à tecnologia, porque através do usuário ela pode se manifestar na sua funcionalidade, ou seja, é o humano, que desenvolve a técnica, é quem garante a vitalidade da mesma.

Para se incitar à fidelidade às contribuições do pedagogo, há de se reafirmar a essência do saber transmitido, ou seja, que a compreensão do papel e da missão do educador se dá a partir dos desafios implícitos à sua função, e por isso educar é uma função social de profunda comunicação de potencialidade humana. Educar gera oportunidade de intervir, de construir, de perspectivar.

Assumir a abrangência do ato de educar é a maneira de se continuar a compreender o pensamento de Paulo Freire como figura operante, reconhecidamente influenciadora na formação da grande maioria dos educadores brasileiros que hoje se veem meio que temerosos acerca do como usar as novas tecnologias da informação e comunicação na vida escolar e na sua prática educativa. É por meio desse pedagogo, recordar que todo o processo educacional é ação repleta de troca de saberes, sempre um desafio, que aqui se traduz em manifestar que o estudante digital, dominador de um tipo de técnica pode trocar sua experiência e praticidade com o seu professor, também dominador de suas técnicas, conteúdos e didáticas.

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (Paulo Freire, 1996, p. 25)

Isso comporta continuar assumindo o novo, o diferente e o pouco dominado, e aproximar o contexto das questões que hoje se apresentam à escola a uma missão de realizar a ação educadora com força e coragem, ou seja, esse universo de novas tecnologias de informação e comunicação como desafios para um professorado formado em tempos “analógicos”, como se tem adjetivado por tantos que discorrem sobre tal temática. Professorado esse que tem como missão e função social iniciar o processo de aprendizado e aquisição de cultura desde uma exercitação básica da coordenação motora na educação infantil até a mais complexa aplicada ao ensino médio e daí por diante.

Um fato real é que devido à sua condição de formação o professorado apresenta, salvo uma parcela de educadores, uma grande defasagem no campo das ações digitais, e isso tem se acentuado até aqui como resgate da história da educação. Todavia, essa mesma história, hoje com uma página inédita de realização, apresenta desafios e necessidades de se dar um passo a frente na esfera de aperfeiçoamento e vontade de fazer melhor. Nesse sentido, pensar na inclusão digital como elemento curricular na formação do professor deve se somar à facilitação do gestor da escola para que uma formação continuada do professor seja estimulada e proporcionada.

É uma questão central e importantíssima a da formação do professor, sobretudo naquilo que diz respeito à união da tecnologia com a ação pedagógica.

Ao mesmo tempo, é preciso considerar as abordagens de formação desses professores, que vão além da simples instrumentalização, englobam também a articulação entre tecnologia e as respostas pedagógicas. É fundamental pensar em iniciativas inovadoras, que além de transferirem para a máquina o que o livro didático apresenta, explorem as potencialidades tecnológicas diante das necessidades pedagógicas e que ainda discutam o novo papel que o professor ocupa no espaço escolar, não mais como transmissor de informações, e sim como organizador do processo de aprendizagem, fazendo a articulação entre as experiências dos alunos e o saber já sistematizado pela cultura. (Almeida, 2007, pp. 94-95)

Do ponto de vista prático, podemos antecipar que é possível um “casamento” da cultura de formação do professorado (da geração X, de 30 a 45 anos, mais ou menos ou de gerações acima desta idade) com a cultura das gerações das crianças e adolescentes (gerações chamadas I e Y, de 0 a 29 anos mais ou menos).

As características práticas desse “casamento” são as ações pedagógicas de um professor que conduz o trabalho através de seu conhecimento e didática, organizando e orientando uma atividade no intuito de permitir um equilíbrio de realizações (o professor tem que conduzir pedagogicamente a todos, dentro das mais diversas habilidades e competências), e os estudantes que vão associando suas capacitações de operacionalização das novas tecnologias, de modo a concluírem a ação pedagógica com um maior ganho para o aprendizado.

Assim, para tornar evidentes os frutos de tal “casamento”, serão apresentados alguns exemplos de ações pedagógicas, abstraídas de uma pesquisa de campo num Colégio particular da cidade de São Paulo (Colégio São João Gualberto – Pirituba).

No primeiro abordar-se-á uma mudança de ação pedagógica em duas fases do currículo programático de turmas de segundo ano do ensino fundamental, com crianças em idade escolar de 7 anos. Esta ação se deu dentro da disciplina de geografia, quando os conteúdos programáticos sugerem que se aborde a questão dos meios de comunicação e as sugestões dos livros didáticos centrem seu foco no envio de correspondências escritas. Assim, as crianças são motivadas a escreverem cartas aos amigos e familiares, envelopando-as e postando-as, sendo inclusive conduzidas através de um passeio até a agência de correios do bairro. Tal atividade, que aos olhos do tempo presente parece ser atividade da disciplina de história, do tipo relatos do como era na época de seus pais e avós, visto que tais crianças tal como seus pais, ou não recebem cartas ou muito poucas, ainda desperta muito interesse nas crianças, sobretudo pelo valor agregado da elaboração do material, da arte da produção, da movimentação geográfica, etc., tal como ainda possui enorme riqueza pedagógica por conta do exercício da escrita, da ação motora e do aprendizado do como funcionou e ainda funciona a vida prática.

A mesma turma, em momentos posteriores foi levada ao laboratório de informática e lá começou a desenvolver habilidades de uso do envio de emails, o que naquela fase super lúdica em que a movimentação pelas ruas em direção à agência ainda atrai, perdeu espaço para a seriedade exigida pelos professores naquele lugar. Todavia, o uso dos emails será a realidade de comunicação do futuro daquela geração.

Outra exemplificação aconteceu com os estudantes do terceiro ano do ensino fundamental (de 8 anos de idade), que em certa fase de aprendizado de geografia, constroem maquetes que lhes permitam

exercitar a compreensão física da organização de uma cidade. Do ponto de vista pedagógico esta atividade é de profundo envolvimento e interdisciplinaridade, pois além de habilidades na disciplina de artes as crianças exercitam áreas de história, língua portuguesa, etc. E quando os trabalhos ficam prontos e expostos para colegas e familiares, reforça-se a autoestima escolar. É sem sombra de dúvidas uma atividade imprescindível, como a anterior e tantas outras do processo educativo de uma criança.

Num momento seguinte, as mesmas professoras levam seus estudantes ao laboratório de informática e os estimulam a entrar no site de busca Google, especificamente no *Google Earth* e *Google Map*, para buscarem a localização das mesmas áreas geográficas. No momento inicial eles se atêm aos comandos iniciais, logo depois geram outros comandos, expandindo a visualização da área, o que lhes permite localizar um em torno bem maior ao seu trabalho, que quase sempre é o em torno da escola para que a produção siga uma padronização física. Em pesquisas posteriores na escola ou em casa, essas crianças buscam suas ruas, endereços e lugares diversos.

Uma terceira exemplificação se constrói com estudantes do sexto ao nono ano do ensino fundamental (faixa etária entre 11 e 14 anos de idade), através de uma exercitação prático-pedagógica de elaboração de pequenos vídeos, voltados para questões sociais como violência urbana, drogas, pichações, lazer, etc. Com o uso de câmeras digitais e telefones celulares, a partir de conteúdos de diversas disciplinas, o material produzido pelos alunos se tornou um recurso didático para suas apresentações, seja em aula, como numa “mostra cinematográfica”, organizada pela escola para estudantes, seus familiares e convidados. Nesse momento ainda foram agregados outros recursos técnicos como *datashow*, aparelhos de som e efeitos de iluminação. É preciso ainda se mencionar que alguns desses vídeos tiveram postagem no *You tube*, após o consentimento de seus pais ou responsáveis e aprovação da escola.

Numa quarta exemplificação, embalado pelos constantes casos de problemas com violência nas escolas e fora delas, isto é, pelo fenômeno bullying, o professor de filosofia com os estudantes dos oitavos anos, partindo de orientações teóricas, pesquisas na internet e discussões em grupos, após um processo reflexivo que lhes ampliou o grau de consciência acerca do problema, inclusive do *ciber-bullying*, resultou a produção de um vídeo e cartazes que serviram de suporte didático para

uma série de palestras de chamada de atenção e conscientização para toda a escola.

Como se vê, o uso das novas tecnologias educacionais é um processo dinâmico, que estabelece relação direta com a vida dos educandos, e isso se constitui num instrumento importantíssimo ao ato de ensinar. Neste sentido, a utilização dos recursos da *web* já serve como suporte didático para o ato de educar hoje. Mas, como se vê uma demanda sempre crescente da busca do saber e como a técnica educacional está em constante mudança (mais a frente isso será demonstrado como percurso do ontem ao hoje) com certeza professores e estudantes continuarão a aprimorar suas contribuições no descrito “casamento”, recorrendo talvez a sofisticados recursos técnicos de *web design* ou outra inovação que o tempo e o empenho humano gerarem.

Assim, pelos exemplos demonstrados por quatro atividades de ação pedagógica de uma unidade escolar particular, se pode ver que os seus professores associam os recursos didáticos às novas tecnologias da informação e comunicação, e se for feita uma coleta de exemplos de outras escolas aparecerão muitas pérolas (tanto em escolas particulares como em públicas, nos mais diversificados lugares do Brasil e do mundo). Todavia, se deve pensar que isso é apenas um início e que há muito a se fazer, sobretudo naquilo que tange aos currículos de formação do professor, como também se espera do estímulo, facilitações e ações concretas dos gestores educacionais no sentido de possibilitar uma formação constante aos seus professores.

De formação do professor não se pensa apenas em técnicas de uso adequado da sala ambiente de informática, não só porque a questão dos laboratórios de informática na maioria das escolas ainda é uma realidade distante ou um sonho, como porque o cenário que acompanha a velocidade dos avanços tecnológicos já sinaliza que eles são uma questão quase que ultrapassada, pois centram sua instrumentação pedagógica num sistema de rede que filtra e seleciona os caminhos da navegação.

A criança e o adolescente dos nossos tempos gostam de experiências inovadoras e instantâneas, a qualquer hora e em qualquer lugar. Com isso, naquilo que tange ao discurso do uso destas novas tecnologias educacionais, hoje o discurso em voga é o da mobilidade, isto é, o lugar “sala de informática” já começa a fazer parte do patrimônio histórico. Isso porque celulares, *notebooks*, *tablets*, *iphones*, câmeras digitais, etc. portam acesso à internet a qualquer hora e em qualquer lugar. Deste

modo, o laboratório de informática com seu uso coletivo agora está no bolso ou na bolsa, isto é, estão sendo derrubadas as paredes do laboratório de informática, com seu acesso controlado pelos filtros de acesso instalados no servidor, e sem esse fator de controle, com o acesso livre, seja dos serviços de *wifi* (internet sem fio) seja dos provedores das operadoras de telefonia móvel, as crianças e adolescentes, andam, ou melhor, navegam por onde querem, inclusive para muito distante da escola.

Com certeza o modelo de ação pedagógica que temos em vigor terá muita dificuldade, sobretudo nos aspectos de trato comportamental da disciplina entre os estudantes, se imaginarmos como serão os procedimentos de orientação educacional para com atitudes de navegações indevidas por sites indesejáveis na ausência do filtro e do controle virtual, até então as garantias do uso no ambiente escolar. Com certeza a escola vai ter que trabalhar pedagogicamente questões como, ética e responsabilidade de uso. Todavia se antevê que antes de obter um nível de comportamento virtual adequado, muitas serão as queixas da escola, entre os estudantes e das famílias, que estarão tendo que lidar com situações para as quais ainda não estão preparadas.

Assim, pode-se também prognosticar a derrubada dos muros da escola se a mudança do processo de educação continuar atrelada aos avanços tecnológicos, fato que me parece uma tendência natural e inevitável. Isso é a história da educação!

Inclusive, é possível se resgatar a memória da história da educação, recordando que todo o universo dos conhecimentos, na passagem de seus procedimentos iniciais apresentou dificuldades e rejeições, talvez por razões de cunho filosófico e comportamentais, marcadamente pela força de resistência ao novo.

Neste sentido se podem trazer como exemplificação histórica fatos e evidências de transformações, por exemplo, quando da utilização de procedimentos rudimentares de fixação de imagens usando paredes, pedras, tinta e carvão para marcarem os acontecimentos, através de incisões de materiais perfurantes que deixavam marcas definitivas, e mais tarde, dando aqui um salto histórico imenso, a sociedade tecnicamente recorre à utilização de uma pedra e um bastão de carvão como instrumentos mais individualizados, disponíveis para fixação de conteúdos, agora em base renovável uma vez que se podia apagar e usar novamente a base. Pode-se deduzir nesse trâmite histórico um enorme avanço tecnológico, quanto mais intenso se for considerada a mudança

para uma lousa maior de uso mais coletivo e o uso de uma pedra de giz agora em diversas cores, permitindo que se agregasse também um recurso técnico visual que não só deixava a lousa mais alegre, mas muito mais didática, uma vez que também realizava a função da estimulação visual para despertar a atenção, sobretudo daqueles com déficit de atenção. Tal processo continuado, não parou de apresentar inovações tecnológicas, como por exemplo a substituição da pedra de giz para escrita num quadro negro (que na maior parte dos casos era verde) para a utilização de bastões de pincéis de tinta para escrita em lousa de material cerâmico, que além de eliminarem os resíduos de pó de giz, causadores de alergias em inúmeros professores e estudantes, também sujavam em muito os ambientes das salas de aula.

Hoje, temos um novo cenário tecnológico surgindo na vida da escola, as lousas digitais (realidade ainda pouco acessível, mas sinalizadora do futuro), e essas obedecem a toques físicos ou comandos à distância por meio de equipamentos eletrônicos. Temos ainda os equipamentos de elevado teor tecnológico de tipo *notebooks* e *tablets*, que não só armazenam uma enorme quantidade de dados (muito mais do que muitas bibliotecas escolares) como também conectam o estudante a sites de busca que significam um recurso a um “megaprofessor externo” que, sobretudo incomoda o professor presente na sala de aula pela rapidez e precisão de detalhes com que responde aos cliques de consulta.

Esse é o mundo digital que responde aos costumes que as crianças nascidas a partir de 1990 (a chamada geração I, i de internet) têm apresentado como o seu jeito de ser. Veja-se, por exemplo, a relação com o universo digital que exteriorizam quando vêem uma foto que delas foi tirada, ou seja, qualquer criança já desde os seus primeiros aninhos de vida pede imediatamente para ver a imagem da foto obtida por uma câmera digital e se não a aprovarem pedem para tirar outra, manifestando seu descontentamento (aqui vale lembrar que em tempos outros se tinha que esperar o filme terminar, ter feito a revelação e não se podia modificá-la. A imagem para ser refeita representava custo e tempo).

No livro *Homo Zappiens – educando na era digital*, os autores chamam a atenção para o fato de que

[...] muitos professores pensam que os alunos parecem agir e pensar de maneira superficial, zapeando de uma fonte de informação para outra quando assistem à televisão, navegam pela internet ou conversam com alguém no MSN. (Veen, 2009, p. 28)

Trata-se da descrição de uma geração que zapeia daqui e dali, que realiza muitas tarefas relacionadas ao universo digital, bem como, realiza seus contatos sociais numa esfera mais virtual que presencial, pelo simples fato de que este foi o contexto social no qual cresceram. Basta lembrar a presença e o lugar dos videogames em suas vidas. Aliás, a dinâmica desses jogos sempre orientava para a vitória e só assim podiam mudar de fase no jogo, recebendo mensagens de parabéns e escutando sons musicas para fixarem a idéia de celebração da vitória, o que contribuiu para desenvolverem um perfil psicológico de imediatismo, perfeccionismo e busca de *feedbacks* rápidos.

Como se vê é uma geração *sui generis*, como todas as gerações na história da humanidade. Isto deve ser um indicativo do quanto é errôneo tentar-se interpretar a geração dos jovens que cresceram com o mundo das novas tecnologias, pelas vias da comparação com a geração de seus pais e professores, sobretudo buscando distinguir e destacar uma geração em detrimento da outra. Emitir um juízo de valor tanto para uma como outra geração não é ação adequada para a essência do ato de educar para a criação de uma cultura de relações humanas para o crescimento da escola. Por outro lado se pode dizer que o uso das tecnologias digitais “influenciaram o modo de pensar e o comportamento do Homo zappiens” (Veen, 2009, p. 29).

Justamente esse indivíduo é que a escola tem a missão de educar. Por isso, na educação dessa geração, a escola precisa compreender acima de tudo que deve transmitir-lhe valores humanos e referências pessoais, ajudando a recuperar a prática da vida social através de interrelacionamentos que abranjam mais do que apenas um contato com as pessoas que fazem parte do mesmo *chat* (sala de bate papo) ou pessoas que jogam os mesmos jogos virtuais, ajudando-os a sair da dificuldade de relações presenciais em que dão preferência ou prioridade às interações virtuais, se descuidando das relações com outros amigos e familiares para priorizar apenas os amigos virtuais.

A escola pode também ajudá-los a vencer a chamada *internet addiction*, ou seja, o vício em internet, ao navegarem por longuíssimo tempo, o que pode ocasionar sérios distúrbios de comportamento social, tais como não quererem se desconectar nem mesmo para se alimentar, nem para tomar banho, gerando enclausuramento por muitas horas no ambiente onde está o micro, lugar este que quase sempre é o quarto com

portas e janelas fechadas impedindo entrada da luz solar, ou da visita de alguém que lhes critique ou lhes faça desviar a atenção.

O papel da escola vai além da circunscrição de seu espaço físico, abrange as dimensões mais profundas da história e memória dos indivíduos. Por isso, em termos de realidade relacional surge outro modelo de comunicação e vida social que a internet facilita, com sua instantaneidade, isto é, com um simples clique fatos complexos são padronizados sem possibilidade de retorno e com uma abrangência muito maior do que se pensa, tanto em espaço como em tempo, as ações produzidas ganham um poder social muito mais amplo do que se imagina. Um *email* pode percorrer o mundo todo e por longo tempo, inclusive, basta que o receptor armazene tal mensagem e depois a mostre para filhos, netos ou bisnetos, que o passado se fará novamente presente podendo afetar o futuro de uma pessoa. Imagine-se o quanto isto pode alterar e afetar as esferas de relações sociais. Por isso é papel social da escola se empenhar na formação de uma cultura ética e responsável do uso das novas tecnologias.

Estas realidades redesenham a cultura da escola, não só pelo fato da abrangência ilimitada das novas tecnologias, mas, sobretudo porque se apresentam como um desafio cultural para a instituição como um todo.

Ao se pensar na perspectiva do homem social, orientada pelo convívio de gerações na escola, poder-se-á entrever o alcance desta nova cultura adentrando o cotidiano de estudantes e professores, como relação de intercâmbio e complementariedade. Sendo os primeiros muito digitais e os segundos mais analógicos, o cerne da questão vai se orientar para uma esfera de transformação antropológica da educação, compreendendo todo esse processo como avanço histórico da educação, e um desafio de unir realidades geracionais diferentes com a técnica como instrumento pedagógico.

Retornando ao papel do professor na construção deste futuro, ele que não recebeu formação e tantas vezes não alcançou um espaço de inclusão digital, escreve Almeida, uma estudiosa de tal temática:

A partir do resgate dos marcos teóricos da formação de professores em Informática na Educação, a identidade das limitações, dificuldades e ironias da formação desencadeada não se direciona a uma crítica destrutiva para diminuir o engajamento e o compromisso em relação à formação apenas para justificar os possíveis erros, mas sim para melhor compreender a complexidade dessa problemática com vistas a encontrar novas

luzes que ajudem a repensar e recontextualizar continuamente a prática pedagógica e a formação de professores para incorporar tecnologia de informação e comunicação – TIC ao cotidiano da sala de aula e à realidade da escola. (Almeida, 2004, p. 210)

Assim é que se perspectiva um compasso entre o professor, com sua realidade de saber, baseado na cultura de sua formação que foi sendo enriquecida pelo acúmulo de leitura de livros, participação ao vivo em palestras nos grandes centros regionais de saber, produção de textos, etc., e o estudante que também lê, porém textos mais curtos e escreve períodos menores, cheios de abreviações, que participa de videoconferências mundiais, o que demanda agilidade de raciocínio e respostas. Esse compasso sem dúvida requer aprendizados múltiplos como evidências de que uma geração é necessária a outra.

Há de se pensar que a construção desta nova cultura, hoje passa pelo crivo e desafio do contato de gerações e de uma reconstrução da escola, modernizada através dos recursos tecnológicos.

Ainda são fundamentais os professores analógicos, dado que os estudantes digitais, ainda precisam percorrer um longo estágio de formação, para então se apresentarem à sociedade como os professores do futuro.

Nesse sentido, discorrendo sobre a situação concreta dos professores que adjetivamos analógicos, consideramos que:

[...] “peças-chaves no processo, devem ser igualmente preparados para compreender seu papel nessa sociedade, participando, com a direção, nessa difícil missão de reconstruir a escola, revendo as bases pedagógicas e sociais e propondo novas formas de organização para o trabalho educativo. Em suma, mudar a escola no sentido de torná-la compatível com as novas demandas sociais é algo que requer uma avaliação efetiva de seu trabalho, à luz de novos parâmetros com os quais ela não está acostumada a trabalhar. (Almeida, 2007, pp. 22-23)

Todo esse processo de transformação nos permite compreender o quanto a história da educação está atrelada à vida cultural, e que é para a cultura do seu tempo que a escola deve se empenhar na superação de desafios. Isto significa fazer o fato social provocar um transformar-se da escola num novo lugar cultural.

Como se vê, a nova escola, partindo da contribuição das novas tecnologias de comunicação e informação expressa o fato de uma construção social baseada em relacionamentos entre gerações e com

as tecnologias, que, aliás, sempre demarcaram espaço evolutivo para a espécie homo-sapiens. Isto é fazer a escola, dentro desta nova perspectiva cultural.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, M. E. B. de (2004). *Inclusão digital do professor: formação e prática pedagógica*. São Paulo, Articulação.

ALMEIDA, M. E. B. de e ALONSO, M. (orgs.) (2007). *Tecnologias na formação e na gestão escolar*. São Paulo, Avercamp.

DURKHEIM, É. (1999). *As regras do método sociológico*. São Paulo, Martins Fontes.

FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra.

POUST-LAJUS, S. e RICHÈ-MAGNIER, M. (1999). *A escola na era da internet. Os desafios do multimédia na educação*. Lisboa, Instituto Piaget-Horizontes Pedagógicos.

VEEN (2009). *Homo Zappiens*.